

CONGRESSO

SENADO

Comemorado no Senado bicentenário dos EUA

Mirian Macêdo

Ontem, o plenário do Senado viveu um clima diferente as flores que ornamentavam o ambiente - seria prestada uma homenagem aos 200 anos da independência norte-americana - contrastavam com o tema principal das conversas: a bomba que destruiu as dependências do 7º andar da Associação Brasileira de Imprensa-ABI no Rio de Janeiro.

Antes do início da sessão solene, grupos de senadores e jornalistas comentavam o episódio da ABI e consenso houve quanto à apreensão de que fatos como estes voltem a se repetir. A maioria dos comentários, entretanto, vinha sempre acompanhada de um pedido - "isto não é para publicar, fica só aqui entre nós" - reafirmando o uso da informação "off the record".

A chegada do embaixador dos Estados Unidos, John Crimmins e senhora, recolocou o assunto do bicentenário da independência americana de novo em pauta e logo tomavam assentos os senadores, que aguardaram a abertura da sessão.

Fiel a um velho hábito, o presidente do Senado, Magalhães Pinto, fez um breve discurso em que enalteceu a nação norte-americana, para ele, "nascida das idéias, modelos e processos em curso na Inglaterra Parlamentar, ajustados aos caminhos da liberdade, igualdade e fraternidade, suscitadas pela grande Revolução Francesa, nascida, sem dúvida, nas portas do futuro".

Para nós democratas - continuou Magalhães - a fundação da grande Nação do Norte encerra significado que a si mesma transcende".

Repassando a história, referiu-se o presidente do Senado ao papel que coube aos Estados Unidos após o término da Primeira Guerra Mundial. Assim disse ele:

— A participação ativa dos Estados Unidos da América do Norte nos destinos da humanidade e, particularmente, do Mundo Ocidental, a partir da Primeira Grande Guerra Mundial, vencido o isolacionismo a que então se propunha, fez da América do Norte uma Nação líder na defesa dos fundamentos cristãos de nossa civilização.

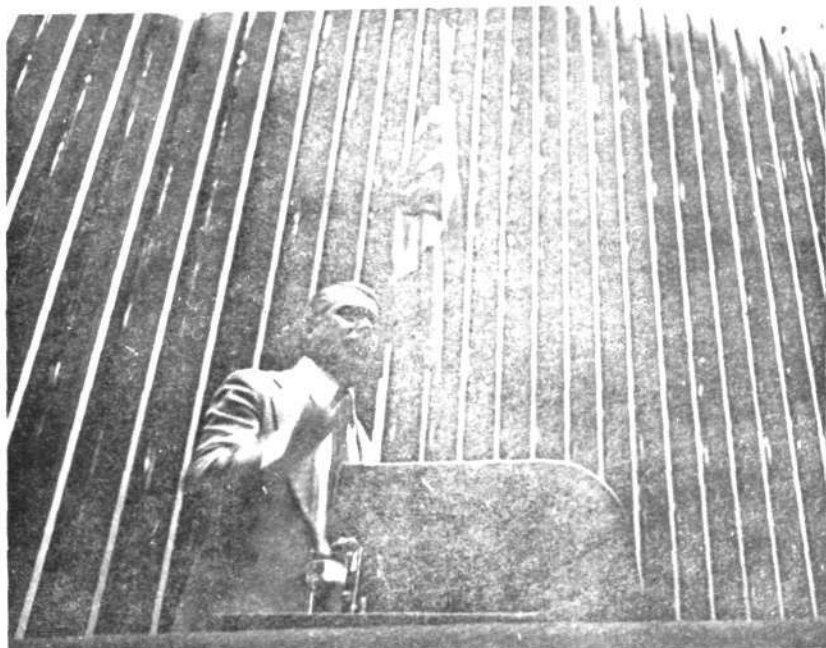
Em seguida, disse Magalhães que, a "Nação brasileira é parte integrante e ativa deste contexto. A nossa participação nas comemorações do Bicentário, com esta Sessão solene do Senado Federal, é uma justa homenagem às instituições legislativas e democráticas do grande povo norte-americano".

Após as palavras de Magalhães Pinto, ocupou a tribuna o senador José Sarney, que em nome da Arena, saudou a nação americana, onde, na sua opinião, "nasceu a formulação mais efetiva de um governo democrático, onde a ambição da liberdade encontra formas de organização estatal capazes de modificar a história do mundo".

Esta, sem dúvida, é a maior contribuição dos Estados Unidos à história da humanidade, disse Sarney.

A democracia americana, segundo o senador, foi implantada no bojo de controvérsias e dúvidas, todas pesadas e consideradas, já que existiam. Disse também Sarney do espírito americano antiseccarista, da não aceitação de imutáveis e absolutas verdades, "graças a este mesmo espírito, conseguiram os Estados Unidos superar e vencer a guerra da Sucessão, e, ao abrirem as comportas dos direitos civis, exercitaram ainda o balanço dos poderes, usando a força para manterem a ordem dentro da liberdade", afirmou o senador.

A longa sobrevivência da Constituição de 1776 americana - continuou - elaborada quando ainda existia a Monarquia Francesa,



Sarney : Constituição subsiste intacta em seus princípios

um imperador romano, uma autocracia em São Peterburgo, um califa em Constantinopla, é fruto da sagacidade. Nenhum regime pode ser criado sem levar em conta estes dados da realidade. Formas, idéias puras, sem máculas, sem defeitos, servem apenas para discursos, não para a tarefa de governar. É esta a lição americana.

Lembrou José Sarney as palavras do velho Benjamin Franklin quando se preparava para assinar a Constituição. Já sem voz, pediu a James Wilson que leia as palavras escritas para aquele instante: "Concordo com esta Constituição, apesar de todos os seus erros. Quanto mais envelheço, tanto mais me é dado duvidar do meu julgamento e ter mais respeito pelo julgamento alheio".

Assim - disse Sarney - as dúvidas e conceitos divergentes alimentavam o regime. Não era uma teoria imutável. Era justamente na capacidade de equilibrar estas divergências que residia e reside a força da perenidade dos ideais americanos. Essa visão de liberdade e da maneira de encará-la é uma constante através de todos estes anos.

De acordo com o senador, "para os norte-americanos o grande fato deste ano, é o da Independência, mas, para nós, o mais relevante para a cultura jurídica e política, é a Constituição adotada e cuja sabedoria e flexibilidade fizeram-na resistir e sobreviver aos embates que a envolveram nestes dois séculos de existência.

Esta sabedoria e flexibilidade, permitiram, no contexto de uma evolução nacional, em ritmo até então desconhecido da humanidade, que esta Constituição tenha se transformado sem perder as características fundamentais, que julgo serem a preservação da União na Federação, e o equilíbrio dos Poderes na sua diversidade, e os direitos dos cidadãos dentro da igualdade e da liberdade, disse.

Pode-se mesmo dizer que a quase totalidade do discurso do senador arenista referia-se à Constituição americana que, em "seu conjunto manteve-se subsiste intacta. Continuando a se manterem equilibradas as balanças do poder".

Ressaltou ainda que, em nenhum momento, as liberdades do povo foram ameaçadas nem pelo Legislativo nem pelo Executivo, acrescentando que a União não destruiu os Estados.

Não devemos, portanto - continuou Sarney - nos surpreender que os americanos sejam orgulhosos de um instrumento que permitiu atingir a esse grande resultado.

Já finalizando o seu discurso, não se esqueceu o senador de se referir à invenção do Senado e da Federação, "frutos da Constituição americana e que muito devem aos

princípios de governo gerados pela Independência dos Estados Unidos".

Na homenagem que o Senado presta aos Estados Unidos - disse Sarney - vai um compromisso de que este país assume suas responsabilidades, no hemisfério Sul, com os ideais que nos fizeram participantes responsáveis da aventura de um mundo mais justo, mais humano, na busca daquela felicidade jeffersoniana. E nós, brasileiros, estamos saudando esta gloriosa nação ouvindo os versos de Walt Whitman, o mais americano de todos os seus poetas, que nos chamou para um destino comum".

— Bem-vindos seiais, irmãos brasileiros, teu amplo lugar está pronto. Um sorriso te enviamos do norte - mãos afetuosas - uma urgente saudação cheia de sol".

Pelo MDB, subiu à tribuna o senador Amaral Peixoto, que afirmou não ter estes duzentos anos mudado os autênticos americanos, que permaneceram fiéis ao ideário lançado pelos pioneiros do "Mayflower", baseado no trinômio Constituição-Igreja-Escola.

Amaral Peixoto confessou que não se arriscaria a descrever os duzentos anos de luta pelo aperfeiçoamento democrático dos Estados Unidos, mas, ao analisar a vida americana desde os seus primórdios, lembrou que as duas grandes guerras mundiais provocaram sensíveis mudanças na sociedade americana, permanecendo, entretanto, para sempre os princípios fundados em 1776.

Entre estes princípios, destacou Peixoto, as quatro liberdades humanas essenciais: a de expressão, a religiosa, a da cooperação econômica entre as nações e a liberdade de não ter medo, que pode ser representada pelo equilíbrio bélico buscado pelos EUA.

Durante o seu discurso, citou o senador americanos que, na sua opinião, sempre se mantiveram fiéis ao pensamento dos fundadores da nova Pátria, entre eles, Washington, Adms Madison, Jefferson, Roosevelt e Kennedy, dedicando um longo tempo a Abraham Lincoln.

Sobre ele, disse Peixoto que "a sua luta contra a escravidão deve ser considerada ainda como uma consequência da declaração da Independência". E pergunta o senador "como conciliar a idéia de que todos os homens nascem com os mesmos direitos quando a alguns tudo era pnegado?"

Recordou ainda o discurso do grande líder americano quando tomou posse pela segunda vez, assinalando que se esta exortação tivesse sido seguida por numerosos países, teria sido um extraordinário bem para a humanidade.

Quanto à escolha de seu nome para prestar a homenagem aos Estados Unidos pelo MDB, atribuiu Peixoto ao fato de lá ter servido durante três anos como Embaixador do Brasil "percorrendo o País, visitando a maioria dos estados e em contato com todas as camadas de sua população. Guardo desse período as melhores recordações. Fiz amigos, muitos já desaparecidos, outros retirados das atividades políticas ou sociais, alguns ainda atuando na vida americana".

Esta sua experiência, segundo disse, lhe concedia o direito de dar um conselho às novas gerações dos americanos, "se é que eles poderão ouvir esta voz fraca e distante".

"Sejam fiéis às suas origens. Inspirem-se nos exemplos, nas idéias, nos ensinamentos de tantos vultos eminentes. Estudem a vida de Washington, Adms, Madison, Jefferson, Lincoln, Frankiln Roosevelt. Permançam reverentes diante dos pais da Pátria e tenham como Evangelho de suas vidas, a declaração de 4 de julho de 1776, cujo bicentenário estamos hoje comemorando no Senado".



Amaral Peixoto: 200 anos não mudaram os autênticos americanos.

Jose Sarney - Magalhães Pinto